



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
GABINETE DO REITOR
COMISSÃO DA VERDADE

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevista realizada em: 1.3.2013

Hora: 14h30min.

Local: Sala de reuniões dos Colegiados Superiores

Entrevistado: José Arruda Fialho

Responsável pela transcrição: Patrícia Wanessa de Moraes (bolsista)

Carlos Gomes: Bom, agora nós vamos ouvir outro entrevistado, que para efeito de gravação, eu solicito que se identifique.

José Arruda Fialho: Eu sou José Arruda Fialho, sou médico formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1966.

Carlos Gomes: Eu fiz aqui um roteirozinho muito breve. Além do fato de ter se formado pela Universidade, você tem outra ligação com a Universidade?

José Arruda Fialho: Não, não tenho outra ligação porque eu cheguei a fazer concurso para professor auxiliar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte para o Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina e tendo sido aprovado e preterido no aproveitamento, na nomeação para a referida função.

Carlos Gomes: Muito bem, o concurso foi para professor?

José Arruda Fialho: Professor auxiliar de Ensino do Departamento de Cirurgia.

Carlos Gomes: Lembra-se o ano?

José Arruda Fialho: Se não me engano foi em 1972.

Carlos Gomes: Foi aprovado, mas não nomeado?

José Arruda Fialho: Não nomeado.

Carlos Gomes: Então esse foi já um constrangimento. Agora, quando estudante você sofreu constrangimento dentro do curso que frequentava?

José Arruda Fialho: Claro que sim. Desde que eu entrei na faculdade eu participei ativamente do movimento estudantil e da liderança estudantil dentro da faculdade e no âmbito da Universidade de um modo geral. Por essa razão, através do tempo, eu e outros colegas mais, que também faziam parte juntamente comigo do movimento, sofremos inúmeras restrições. Mas conseguimos, porque vivíamos num regime democrático então. Conseguimos conduzir as coisas até a chegada do Golpe Militar. E quando a ditadura se instalou, nós fomos, inclusive, presos, de imediato. Fomos lá da faculdade. Nós fomos quatro colegas, três da minha turma, eu, Geniberto Campos e Maria Laly Carneiro, e mais um da turma seguinte, Francisco Floripe Ginani. Da faculdade nós quatro fomos presos. E essa prisão se prolongou por muito tempo, é tanto que nós, os três, com exceção de Laly, Maria Laly Carneiro, perdemos o ano de 1964, o quinto ano médico que estávamos cursando. Fomos reprovados pela ausência absoluta nas aulas. Porém, antes disso, a partir de 1962, o movimento estudantil nacional empreendeu a luta pela reforma universitária. Essa foi a grande batalha que nós estudantes desenvolvemos naquela época. E uma das coisas dentro da reforma universitária que nós exigimos era a participação de um terço dos estudantes nos colegiados. Todos os colegiados da Universidade tinham uma representação de um terço dos estudantes. Houve uma greve grande de âmbito nacional. Nós não conseguimos

alcançar esse objetivo, porém, uma gota d'água, que já foi algum avanço, foi a permissão de um representante do corpo discente em todos os colegiados, e eu fui escolhido a partir de então o representante do corpo discente da Faculdade de Medicina, na congregação da faculdade. Isso contribuiu para que eu tivesse muitos atritos naquele colegiado, com muitos professores daqueles mais conservadores. Nem tão conservadores, reacionários mesmo, assim de uma estirpe maior. Como também sempre tive a ajuda de alguns que pensavam de uma forma mais aberta, mais avançada. Mas isso sempre determinou muito constrangimento nas nossas ações a partir de então. Isso foi 1962. Ano de 62 e 63 correram logo.

Carlos Gomes: Você ingressou em 1962?

José Arruda Fialho: Ingressei em 60. Essa modificação da sistemática foi a partir de 62, que houve a participação dos estudantes nos colegiados e eu era o representante do corpo discente e fui até que ocorreu o golpe militar e a ditadura se instalou. Paralelamente eu também era monitor da cadeira de fisiologia, e quando fui libertado eu já estava destituído da função de monitor.

Carlos Gomes: Quer dizer que neste período você chegou a ser preso?

José Arruda Fialho: Fui sim, durante 8 meses eu fiquei preso.

Carlos Gomes: Respondeu a inquérito... E qual foi o resultado? Você foi condenado?

José Arruda Fialho: Não. Não fui condenado, porque todos nós naquela época... Quando nós saímos, conseguimos concluir o curso em 1966, um ano após em que nós deveríamos ter concluído, mas conseguimos concluir. Houve, durante a nossa prisão, e houve certa participação também da Universidade na nossa vida. Houve um inquérito dentro da Universidade e esse inquérito de toda forma ficou inócuo, porque a pretensão que a ditadura tinha era de nos acusar e chegar a nos expulsar da Universidade, o que aqui não ocorreu. Porém a Comissão que era, eu lembro bem de dois membros que

constituía essa Comissão, a terceira eu já tentei me lembrar, mas não me lembro... Era Genário Fonseca e José Cabral, que era diretor de Farmácia. Era o presidente da Comissão. Eu me lembro do outro que era José Cabral, que era Zé tenente, professor de Odontologia, o terceiro eu não me lembro. [Inaudível]. Não, foi bem depois. O reitor era Onofre Lopes. Onofre Lopes... Nós estávamos presos desde os primeiros dias de abril e ficamos presos na fase inicial aqui no quartel do Exército, aqui no 16RI... Porém, a Lei de Segurança Nacional, naquela época, com cinquenta dias ou você tinha prisão preventiva ou então tinha que ser libertado. Eles queriam dar uma aparência legalista ainda nessa época e então fizeram o seguinte: transferiram-nos para o quartel da polícia onde nós passamos a estar presos como se fosse uma nova prisão e lá nessa nova prisão uma comissão que tinha sido designada pelo governador do Estado, Aluísio Alves, que era constituída por José Domingos e Carlos Veras, dois policiais do Recife. Então essa comissão pediu a prisão preventiva de todos nós. Permanecemos presos com prisão preventiva, todos. Só começamos a ser libertados a partir de outubro quando se conseguia algum *habeas corpus* no Supremo Tribunal Federal, no Superior Tribunal Militar. Tinha um grupo impetrando esses *habeas corpus*, formado por Otto de Brito Guerra, Joao Maria Furtado e Roberto Furtado... E Carvalho Neto, era suplente de deputado Federal. E Djalma Marinho licenciou-se pra que ele assumisse a Câmara e defendesse no Supremo como advogado dos presos políticos, defendendo no Supremo e no Superior Tribunal Militar *os habeas corpus*, que eram impetrados e preparados por essa equipe e que foram impetrados por ele no Supremo.

Carlos Gomes: Por ele, Carvalho Neto?

José Arruda Fialho: Carvalho Neto. E ele defendia verbalmente lá... E nós fomos gradualmente obtendo esse *habeas corpus*. Eu fui realmente um dos primeiros. Aliás, os primeiros obtiveram o *habeas corpus*, mas quando chegava do outro lado da calçada era preso novamente por novas alegações.

Carlos Gomes: Hélio Xavier era assim. Ele nem levava a trouxinha.

José Arruda Fialho: Hélio Xavier... Um travesseiro que ele conduzia assim debaixo do braço. Ele voltava com ele. Hélio Xavier de Vasconcelos, Francisco Floripe Ginani. São dois que eu lembro aqui que aconteceu dessa forma. E como também na iminência de haver *habeas corpus* para outros, foram levados para Fernando de Noronha Aldo Tinoco, que era professor da Universidade, suplente de deputado federal, Djalma Maranhão, Luís Maranhão, que também era professor da Universidade. E Luís Gonzaga dos Santos, que era o vice-prefeito de Natal, foram levados para Fernando de Noronha, e lá não adiantava *habeas corpus* porque não tinha como sair. Só os tubarões tomariam conta deles.

Carlos Gomes: Eu gostaria de saber se após todos os movimentos, mas ainda no período militar, você teve pretensão de retornar à Universidade, como professor?

José Arruda Fialho: Exatamente, esse concurso foi aberto porque havia oito médicos contratados como auxiliar de ensino e houve uma exigência do Ministério da Educação para que fosse aberto um concurso publico para ocupar os lugares e mais o que houvesse necessidade de preencher. Então, eu me inscrevi, era um concurso publico, eu me inscrevi. Tinha oito colegas que estavam ocupando esses cargos e iriam prestar o concurso. Além de mim, mais outro colega se inscreveu para fazer o concurso. Bem, supostamente, eram as oito vagas dos que estavam lá. A exigência foi porque eles estavam ocupando indevidamente os cargos porque não eram concursados. Aí um dos concorrentes veio a mim. [Inaudível]. Foi nesse concurso. Um dos que fez o concurso me procurou pedindo “olha, os colegas estão pedindo para você não fazer o concurso, porque você vai tomar o lugar de alguém, coisa e tal”. Eu fui muito claro com ele – rapaz, eu estou fazendo o concurso, mas estou aceitando as regras do jogo. Eu sei que isso é carta marcada, não tenho dúvida não. Eu não quero tomar o lugar de ninguém não. Eu sou candidato ao nono lugar, são oito que estão ai, não quero tomar o lugar de ninguém não. Mas eu sou candidato ao nono lugar. Coincidentemente, essa pessoa que me procurou foi aprovada em primeiro lugar. Então isso aconteceu. [Inaudível]. Como assim? [Inaudível]. Olha, havia inclusive um dos ocupantes do cargo. Tinha dez meses de formado apenas. Eu estava formado há uns cinco ou seis anos, era pós-graduado. Era completamente diferente.

Conceição Fraga: Não sei se o senhor entendeu. Talvez o senhor possa se sentir constrangido, mas não é essa. A ficha do senhor dá pistas para a investigação. Mas também, na ausência dela porque é vítima de acusações, a ficha dos nomeados pode dá pistas para a investigação.

José Arruda Fialho: Não, foram nomeados os oitos que estavam ocupando os cargos.

Conceição Fraga: Quem são os oito?

José Arruda Fialho: Agora me lembrar de todos... Vamos ver se eu me lembro. Não estou desqualificando os concursados não. Alguns deles, inclusive, têm muita qualificação, sem dúvida. José Américo, Genival Dias de Melo, José Américo Costa, Ivo Barreto, José Melquesedeque, André Aquino, Regina... Pronto. Regina tinha dez meses de formada, só. Já me lembrei de seis, já. [Inaudível]. Eu fui aprovado no nono lugar. Porém, posteriormente por necessidade, no Departamento de Cirurgia, foi solicitada a minha contratação, especificamente a minha contratação, pela cadeira do professor Clóvis Travassos Sarinho. Professor Sarinho solicitou ao Departamento de Cirurgia a contratação do candidato aprovado coisa e tal no concurso, e assim foi encaminhada ao chefe do departamento, que era Hernani Rosado, que concordou e encaminhou. Nesse tempo era o Centro de Ciências da Saúde, o diretor era Fernando Fonseca, que por sua vez encaminhou ao reitor. O reitor, logo depois do concurso – eu soube, eu ouvi dizer por alguém –, quando chegou a lista, ele tinha colocado um lápis vermelho abaixo do meu nome “este aqui jamais será nomeado”. O reitor era Genário Fonseca. Então, o ofício, o expediente chegou até ele. Ele devolveu dizendo que não aceitaria a minha nomeação, porque não concordava com a minha nomeação, qualquer coisa lá... Mas havia um aprovado em sequência ao meu nome, que ele poderia nomear, se assim desejasse. Esse colega, na época, era protegido dele e estava como médico da Aeronáutica. Então, chegou o retorno até o professor Clóvis Sarinho, ao qual ele respondeu da seguinte forma: que estava solicitando a contratação de um professor e não de mais um professor. Mas, o rapaz foi nomeado e não ficou na cadeira de Doutor Sarinho. Foi para outra, mas ele foi nomeado. E só quem não foi nomeado fui eu. Era meu colega de turma, Ricardo Góis.

Carlos Gomes: Muito bem, eu então faculto a palavra... Eu acho que não está funcionando não. Pronto, agora está.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu queria, Arruda, que você detalhasse mais a sua atuação no movimento estudantil universitário. Porque você falou aí que foi representante dos estudantes de Medicina, na congregação, mas me parece que você teve atuação no diretório estudantil, no DCE e talvez na UEE, que era a União Estadual dos Estudantes, que era a seccional da UNE.

José Arruda Fialho: Tive sim, eu participei ativamente das atividades do diretório acadêmico Januário Cicco desde o primeiro dia da faculdade. É que quando eu fui aprovado, no primeiro ano, em 1960, com o seu apoio inclusive, eu fui vice-presidente do diretório no primeiro ano logo. E tive uma participação intensiva durante toda minha, desde esse dia até o golpe de 64. Tive uma atuação permanente no diretório, na UEE, no DCE, e uma participação em congressos e seminários da União Nacional dos Estudantes, todos eles que houveram até então. Eu tendo sido, inclusive, em 62. Fui ao congresso da UNE, lá no quitandinha. Era o cinquentenário na UNE, aliás, os 25 anos da UNE, foi lá no quitandinha... E eu fui candidato a vice-presidente da UNE, inclusive, apresentado pelo Rio Grande do Norte, com apoio ostensivo. Não chegou a se concretizar essa eleição por uma necessidade de acomodação do Estado do Paraná, que precisava entrar na chapa de todo jeito e a gente concordou que eu poderia ficar de fora e entrou o vice-presidente do Paraná, que por sinal nunca foi lá. E eu participei mesmo assim, ativamente dessa administração da UNE, que sucedeu Aldo Arantes na época, foi Vinicius Caldeira Branca, e que eu ia frequentemente prestar uma ajuda, uma assessoria. Eu participei ativamente do movimento estudantil e com a ligação com o movimento sindical que tinha também naquela época, e tudo isso contribui para a gente ser procurado no primeiro instante e enquadrado como eles queriam.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: No dia 31, lá no DCE, você estava presente?

José Arruda Fialho: Estava. Estava. No DCE, a partir do dia 31, nós estávamos. A ocupação que a gente... Uma assembleia permanente no DCE foi a partir do dia primeiro. No dia 31 eles tomaram o poder pela madrugada, estava todo mundo dormindo, quando foi pela manhã a gente já partiu para a organização e ficamos em assembleia geral permanente no DCE, constituímos um comando de greve, um comando para o movimento, que quando foi no dia dois à tarde, a coisa estava apertando para cima de nós e todo mundo dizendo que a gente estava sendo ameaçado. Nós já constituímos outra direção porque a gente iria ter que sumir dali. E nós saímos então para a Casa do Estudante, estávamos rodando um manifesto lá no porão da Casa do Estudante quando chegou Silvio Procópio, que era presidente do diretório de Direito, com uma determinação: Hélio Vasconcelos mandou dizer que pode parar porque não adianta. Agora a gente tem que se arrumar porque todos vocês estão sendo procurados e vão ser... Todos nós estamos correndo risco da liberdade, todos nós. Vocês vão sair agora, ele estava no jipe do pai dele, seu Olímpio. Ele estava no jipe. E nós entramos nesse jipe: eu, Geniberto, Ginani, Josemar Azevedo, nós quatro que estávamos lá nessa função do comando. Saímos e eles nos deixaram... A mim, e sim Danilo Bessa, a mim e a Danilo Bessa na casa de Djalma Marinho, na Prudente de Moraes, onde Hélio Vasconcelos já nos estava esperando. Eu, Hélio e Danilo éramos também funcionários da Assembleia Legislativa. E Ginani, Geniberto e Josemar foram lá para o pessoal de Dom Eugênio, da família de Dom Eugênio e coisa e tal.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: No Seridó, não é...?

José Arruda Fialho: Eles seguiram para o pessoal de Dom Eugênio. Dom Eugênio Sales quem deu o destino deles. E lá na casa de Djalma, José Rocha que era o presidente em exercício da Assembleia já tinha... O carro da presidência da Assembleia já estava nos esperando lá, e nós fomos. De lá saímos para a casa de José Rocha. E José Rocha mandou Bira, o irmão dele, Bira Rocha, nos levar para a fazenda do pai dele, lá no interior da Paraíba. Danilo e Hélio foram. Eu desisti, não fui. Deixe-me no hospital, no hospital das clínicas que eu vou me organizar.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Geniberto?

José Arruda Fialho: Geniberto, Ginani e Josemar foram para a família de Dom Eugênio, para a fazenda da família de Dom Eugenio. Então eu fiquei no hospital e os colegas começaram a me dar cobertura, quando a coisa começou a esquentar eu passei mais um dia no hospital e eles me levaram lá para a maternidade. João Campos e Querubim foram me buscar. Começou uma chuva no final da tarde, uma chuva boa, aí eu entrei no carro de Querubim e eles me deixaram lá na maternidade. E eu fiquei na maternidade por algum tempo e mais tarde Leônidas Ferreira foi me pegar lá, me dar abrigo na casa dele, quando ele tirou a família e eu fiquei durante mais de uma semana. Mas quando começou a sair do jornal, Moacir de Gois tinha sido ouvido e tinha voltado, num sei quê... E eu não vou ficar aqui a vida toda dentro dessa casa, vou ter que voltar. Voltei e coincidentemente os outros também voltaram dos seus esconderijos e dois ou três dias depois nós fomos presos realmente.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Vocês voltaram, inclusive, a assistir aulas?

José Arruda Fialho: A assistir aula.

Carlos Gomes: Vocês foram presos em torno do dia 11 de abril...?

José Arruda Fialho: Dia 11 de abril!

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Foram presos na faculdade...

José Arruda Fialho: Foi. Voltamos a assistir à aula, tudo direitinho fazendo de conta que estava levando uma vida normal.

Darlan Cunha: Professor Carlos, posso ter a palavra agora?

Carlos Gomes: Pois não, como é o seu nome?

Darlan Cunha: Darlan, do Centro Acadêmico de Direito da UFRN, aqui da casa. Hoje o movimento estudantil já não consegue pautar a questão da representação paritária nos conselhos superiores. Daí eu fiquei muito curioso para saber um pouco como era esse momento. Hoje o movimento estudantil vem pautando ainda com muita dificuldade a questão da paridade nas eleições, né? Para a reitoria, departamentos, conselhos de centro... Aí eu fico perguntando quais eram os argumentos para defender a paridade representativa nos conselhos superiores e se o movimento estudantil na época tinha um apoio da comunidade universitária, principalmente os estudantes. As pessoas apoiavam? Os técnicos, os professores... Havia um apoio? Quais eram os argumentos e qual era o apoio, né? Essa é a pergunta.

José Arruda Fialho: Não, não havia apoio nenhum. E não houve também, não se conquistou nem nunca se pretendeu a representação paritária, mas a reivindicação do movimento estudantil nacional era a participação de um terço, tanto que foi a greve de um terço, inclusive. Um terço da participação de estudantes, com a representação de um terço dos colegiados das universidades.

Darlan Cunha: Que é a paridade?

José Arruda Fialho: Não, não foi concedido um terço. Foi concedido um representante, um representante do corpo discente por colegiado.

Darlan Cunha: E quais eram os argumentos que vocês levantavam? Por que tem que ser um terço?

José Arruda Fialho: Foi um quantitativo que o movimento estudantil chegou aquela época no sentido de avançar, alcançar alguma coisa, porque não tinha nada.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Arruda, eu esclareço aí o que eu acho que era isso na época. Era um terço de estudantes com dois terços de professores. O movimento de estudantes não existia, até porque até aí não tinha concurso não. A

nomeação era por afilhadismo político, o movimento de servidores era muito fraco, não havia associação nem sindicato, nada... Então um terço não incluía o servidor não. Nem o servidor, aparentemente, queria isso.

Carlos Gomes: O pleito dos estudantes naquele tempo era muito modesto. Os pleitos... Brigavam por 12% para a educação, hoje já estão em 25%... Naquele tempo o pau cantava: 12%!

José Arruda Fialho: A universidade foi federalizada em 1960, no final do governo de Juscelino Kubitschek. E todo aquele pessoal que vinha da Universidade Estadual que tinha sido criada no governo de Dinarte Mariz, a Universidade Estadual, foi instalada em 1958, a Universidade do Rio Grande Do Norte. Era a Universidade do Rio Grande do Norte. Só passou a ser UFRN a partir de 1960 quando foi federalizada. E eu lembro muito bem. Você também devia estar presente. Todos nós éramos do movimento estudantil, quando nós recebemos Onofre Lopes que chegou ao aeroporto com o processo de federalização da Universidade assinado por Juscelino Kubitschek. Então a partir daí todo aquele pessoal foi efetivado. Tanto os funcionários quanto os professores. Aí uns considerados professores fundadores. Teve professor fundador que tinha se formado na própria faculdade. O nome dele vou dizer agora: Genário Alves da Fonseca. Tinha se formado lá na faculdade de Farmácia e foi nomeado professor fundador.

Almir Bueno: Eu fiquei curioso, aí o senhor pode me desculpar porque eu não conheço toda a trajetória. Depois de formado, o senhor se formou em 1966. 1966... A partir da formatura o senhor teve alguma atividade... Continuou com atividade política de militância ou só profissional?

José Arruda Fialho: Continuei. Terminado o curso eu fui fazer residência no Hospital do Servidor no Rio de Janeiro e lá passamos a outro nível de atuação, na política médica. Lá nós fundamos a Associação Nacional dos Médicos Residentes. Eu, Geniberto e o irmão dele fomos, inclusive, os autores do primeiro estatuto da Associação Nacional dos Médicos Residentes.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Que hoje é uma entidade fortíssima no Brasil todo.

José Arruda Fialho: Ele foi... Geniberto foi secretário geral na primeira diretoria e eu não fiquei na diretoria porque eu assumi a chefia dos Médicos Residentes do Hospital dos Servidores do Estado, tendo sido eleito pelo voto de todos os residentes, que eram mais de 150. Depois, quando eu retornei, quando eu terminei a residência eu retornei, eu fiquei meio isolado, bastante isolado. Eu fui inclusive trabalhar em Caicó, fui ser diretor do Hospital do Seridó lá e fiquei durante 6 anos trabalhando lá. Quando retornei pra cá, voltei a uma atividade mais efetiva na política médica, fui presidente da Associação Médica, que na época era a Sociedade de Medicina e Cirurgia. Durante a minha presidência é que a gente conseguiu criar a Associação Profissional dos Médicos, que posteriormente se transformou no Sindicato dos Médicos. Depois criamos e fundamos a Unimed, da qual fui diretor durante os primeiros 15 anos. Os primeiros 9 anos como vice-presidente, os 6 seguintes como presidente. Depois estive na federação das Unimeds do Rio Grande do Norte, na confederação do norte-nordeste. Ocupei funções também na Confederação Nacional das Unimeds, e como também na Associação Médica Brasileira tive uma atuação constante, uma vez que eu era conselheiro como presidente da Associação Médica do Rio Grande do Norte. E depois no movimento de renovação médica eu fui o candidato a vice-presidente também da Associação Médica Brasileira, representando a região nordeste. Mais uma vez não se concretizou a minha eleição por outra coisa. Djalma Vasconcelos, que era professor da Universidade Federal de Pernambuco.

Carlos Gomes: Conhecidíssimo em Pernambuco.

José Arruda Fialho: Era o presidente da associação médica de Pernambuco.

Almir Bueno: Isso em que época, professor?

José Arruda Fialho: Isso foi em 79, 80, por aí. E Djalma então me telefonou na véspera da inscrição da chapa, pedindo-me para que eu cedesse aquela posição para ele, que ele já estava assim no fim de carreira, que ele tinha o maior desejo, coisa e tal. Aí eu atendi. Não fui o vice-presidente. Deixei para Djalma que era um nome, inclusive, que tinha sido, um professor que eu tinha assistido tantas palestras e tantas coisas dele. Era o gastroenterologista mais conceituado de todo o Nordeste na época. Eu cedi.

Carlos Gomes: A pergunta do professor Almir talvez tenha sido se o senhor voltou para alguma atividade de política não médica.

José Arruda Fialho: Não, não... Política, não.

Almir Bueno: Aí não foi mais incomodado pelo regime?

José Arruda Fialho: Nunca deixei de ser, não. Quando eu fiz o concurso para o INAMPS na época, eu fiz o concurso e fui aprovado. Tinha direito de fazer o concurso para duas especialidades. Eu fiz para cirurgia geral, que era minha especialidade, e proctologia. Eu passei nas duas especialidades e poderia, inclusive, ser contratado para dois vínculos, na época. Eu passei em segundo lugar, em todos dois, coincidentemente. Mas eu ia... Eu fui tomar posse apenas em um vínculo, no vínculo em cirurgia geral porque com o outro eu já tinha outro vínculo, porque eu tinha conseguido voltar para o meu emprego, do qual eu tinha sido demitido no ato institucional número um da assembleia, pelo governador do Estado, no ato institucional. Quem podia usar o ato institucional era o presidente da República! Eu fui demitido, logo na primeira lista que saiu de demissão. Era Djalma Maranhão o primeiro, acho que Luíz Gonzaga o segundo, ambos da prefeitura. E eu era o terceiro.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Arruda, têm duas excrescências jurídicas aí. Nosso jurista aqui pode confirmar. Uma é ele usar o ato institucional e a outra é ele demitir um funcionário de outro poder. Só quem tem o poder é o presidente da assembleia.

Carlos Gomes: Agora houve um adicional ao ato institucional de Aluízio, se não me engano baseado no ato institucional número dois.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: É, ele inventou... Ele achava que era...

Carlos Gomes: Não... Houve isso. Meu pai chegou a ser enquadrado, Wilson Dantas... Carlos Augusto Caldas da Silva, que era muito amigo de Aluízio subiu e rasgou, e disse: diga que fui eu que rasguei. E ficou por isso mesmo.

José Arruda Fialho: Então, quando eu retornei pra cá, Barca, Varela Barca, Carlos Antonio Varela Barca... Então Barca entrou com uma ação e eu fui reintegrado à assembleia legislativa.

Carlos Gomes: Sim, mas você disse que fez um concurso... Você foi nomeado para o INSS?

José Arruda Fialho: Fui nomeado para o INAMPS, naquele tempo. Era o INAMPS. Fui nomeado então para tomar posse tinha folha corrida, aquele troço todinho. Então quando eu fui pegar a folha corrida, foi feito uma certidão e não uma folha corrida. Aquele documento... Uma certidão de todas as minhas atividades políticas e tudo mais. O meu dossiê todinho foi transcrito ali. O doutor Rodolfo Pena Lima, que era o diretor então do ITEP, foi quem fez e que tinha sido contemporâneo de faculdade. Inclusive, no momento imediato do golpe, da ditadura, ele foi quem foi interventor no diretório acadêmico. Ele fez todo um dossiê, tal... Eu peguei aquilo e fui a Milton Ribeiro Dantas, que tinha sido o antecessor dele lá no ITEP, e levei para o doutor Milton. Doutor Milton olhou aquele negócio e disse – isso é um absurdo! Com aquele jeito dele. O senhor deve ter conhecido de perto.

Carlos Gomes: Demais! Deve ter corrigido um bocado de erro de português, que ele tinha essa doença.

José Arruda Fialho: E sei que doutor Milton pegou o telefone e ligou pra ele imediatamente. Disse que exigia que fosse feita uma coisa correta, que aquilo não existia, era uma distorção, que ele estava querendo me prejudicar, coisa e tal. Isso não se admite. Mas era mais uma ação do movimento...

Carlos Gomes: Resquício...

José de Arruda Fialho: Resquício... E sei... Aí ele concedeu uma folha corrida como deveria ser concedida e mandou deixar lá na casa do doutor Milton e doutor Milton me entregou. Se não fosse isso eu não teria tomado posse.

Conceição Fraga: O senhor poderia fixar a data... O senhor foi preso e passou oito meses. De quando a quando e onde? Porque o senhor falou que foi transferido para outro local...

José Arruda Fialho: Nós fomos presos, uns em lugares diferentes. Uns no R.O, outros no 16 R.I, alguns logo direto no quartel da polícia. Eu, por exemplo, fui preso no 16 R.I e depois desses cinquenta dias nós fomos... O dia é em torno dia 11... O dia é 11 de abril.

Conceição Fraga: Abril de 1900 e...?

José Arruda Fialho: 1964.

Conceição Fraga: Logo no início...

Carlos Gomes: Aí passou quanto tempo preso?

José Arruda Fialho: Fiquei até 23 de outubro... Nesse período nós fomos transferidos... Aquilo que eu relatei por conta do negócio da prisão preventiva, né? Precisava se fazer nova prisão para poder a prisão preventiva. E nós fomos transferidos

para o quartel da polícia e lá a gente encontrou o pessoal... Muita gente se encontrou lá, no quartel da polícia, que tinha vindo dum canto e de outro. Tinha um detalhe aí interessante. Nós estávamos presos lá no quartel da polícia no xadrez dos soldados. Nessa cela éramos eu, Geniberto, Josemar Azevedo, Carlos Alberto Galvão de Campos, que era de economia, e Bento Ventura, que era do Sindicato dos Salineiros de Macau. Na cela vizinha, que era a cela de Baracho, era um negócio que a pessoa não dava para ficar nem em pé direito. Estava Ginani, outro colega médico, que é médico hoje, e Francisco Floripe Ginani, que era o presidente do DCE na época da prisão. Então um dia, assim pelas 10h00minh da manhã, chegou Onofre Lopes lá. Onofre Lopes com Carlos Veras e José Domingos. Ele vinha cinzento como ele dizia, que quando ficava com raiva, ele deixava de ser preto e ficava cinzento. Ele dizia isso. Ele vinha cinzento. Então vou contar o que aconteceu nesse momento: ele olhou, nos cumprimentou, revoltado porque viu Ginani naquela situação, que era um cara que estava nos últimos tempos num constante contato quase diário com ele, e gritou pra eles: isso eu não admito!

Carlos Gomes: [Inaudível].

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Com “eles” você diz os dois delegados...

José Arruda Fialho: Os dois delegados: Carlos Veras e José Domingos. Os dois delegados de Pernambuco que estavam aqui constituindo uma comissão, formando uma comissão por Aluizio. “Eu não admito isso! Esse povo é o que há de melhor na minha Universidade. Quero providências imediatas. Ele não pode ficar nessa condição insustentável”. E fez um desabafo assim muito grande, desaforado mesmo. E sei que ele saiu... Falou com a gente “vou tomar as providências”. Meio dia nós estávamos transferidos daí para o Hospital da Polícia e ao mesmo tempo outras pessoas do âmbito da Universidade e também do poder público estavam transferidos lá e nos encontramos todos. Aí fomos nós que estávamos lá. Estávamos lá Aldo Tinôco, Moacir de Gois, Vulpiano Cavalcanti, Djalma Maranhão, Luíz Gongaga, Nei Leandro de Castro, o poeta... Hélio Vasconcelos, Omar Pimenta, que era estudante de Direito, também Omar... Acho que Omar não tinha terminado ainda não.

Carlos Gomes: [Inaudível].

José Arruda Fialho: Paulinho Oliveira, Guaraci Queiroz. Todos nós nos encontramos lá. E ficamos algum tempo lá. Depois construíram um cadeia lá no 16 R.I, em condições menos desfavoráveis e nos transferiram todos lá, nesse galpão, onde ficamos até o final, até sermos libertados.

Conceição Fraga: O senhor é... Era muito comum acusarem de comunista e naturalmente muitos eram, outros não. O senhor se identificava ou fez parte de alguma agremiação política daquela época?

José Arruda Fialho: Sim.

Conceição Fraga: E qual era?

José Arruda Fialho: O Partido Comunista.

Conceição Fraga: O Partido Comunista, em 64, brasileiro ou do Brasil?

José Arruda Fialho: Partido Comunista Brasileiro... PCB.

Carlos Gomes: [Inaudível].

Conceição Fraga: Não porque em 1962, a divisão foi em 62.

José Arruda Fialho: Era o PCB... O PCdoB era... Existia, mas era a linha albanesa...

Conceição Fraga: [Inaudível].

José Arruda Fialho: Tinham outros, sim. Outros, sim.

Carlos Gomes: Nesse período que você falou da prisão, inclui inclusive essas mudanças? Esse período de 11 de abril a 23 de outubro também inclui essas mudanças de locais? O retorno ao 16 R.I?

José Arruda Fialho: Inclui. Sim, também.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Arruda, eu vou me permitir aqui completar uma informação para ela. Ela está curiosa para saber como era esse arranjo. Mais ou menos a partir de 58, não é? 55...

José Arruda Fialho: A partir de 1955...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu entrei na faculdade em 58... Na UNE, no movimento estudantil que você está perguntando, não é?... O movimento universitário. A União Nacional dos Estudantes tinha uma grande frente ampla: o Partido Comunista, a JUC (Juventude Universitária Católica) e um grupo do meio que a gente chamava de esquerda, né? Um grupo de esquerda que não era filiado ao Partido Comunista... Durante muito tempo era mais aliado ao Partido Comunista porque a JUC tinha um perfil muito diverso, tinha uma JUC de direita, uma JUC de esquerda. Na época do golpe de 64 já JUC, já tinha tido, digo nem um racha, né? No movimento universitário passou a ser Ação Popular, o movimento que começou em Minas, principalmente em Minas... Nessa época já não havia mais JUC, praticamente, no movimento universitário... Quer dizer, não tinha peso político.

José de Arruda Fialho: O pessoal de Betinho, Vinícius e tal...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: PCB, Ação Popular e essa esquerda independente... Eu chamava esquerda independente. Estou falando isso porque eu era desse grupo. Uma ligação mais com o pessoal do PC do que com a Ação Popular. Só que aqui, aqui em Natal nós tínhamos um vínculo muito grande com a Ação Popular... Tinha todo esse pessoal, Laly, Geniberto, Ginani, Josemar, Marcos Guerra...

José Arruda Fialho: Era uma miscigenação muito grande. Era uma identidade perfeita.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Era muito forte aqui a Ação Popular.

Almir Bueno: Depois ela vai se tornar marxista-leninista...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Depois ficou Ação Popular marxista-leninista que entrou na luta armada... Na UNE o Partido Comunista, ele era.

José Arruda Fialho: Hegemônico...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Os cabeças. Eles elegeram vários presidentes na JUC e depois na Ação Popular. Serra era JUC, Vinicius Caldeira Branca, Aldo Arantes... Tudo com apoio do PC. Você vê como esse arranjo funcionou... E foi isso que no movimento militar terminou pegando mais na área estudantil os católicos do que os comunistas. Os católicos pagaram muito mais inclusive: mortes e assassinatos. Não só da Ação Popular marxista-leninista, da própria ação popular que não estava na luta armada. Pagaram um preço maior por conta da exposição. Não estou querendo dizer que o Partido Comunista foi maquiavélico nisso não, mas sempre o Partido Comunista, não é?

José Arruda Fialho: É o que norteava...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Que tinha uma sabedoria maior e tal... Então a Ação Popular...

José Arruda Fialho: Na maior parte das vezes...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Pagou um preço muito grande, inclusive aqui no Rio Grande do Norte...

José Arruda Fialho: Ninguém era organizado no partido propriamente, não. Era como aquela organização paralela... Era uma junção em torno daquela... O importante era a ideia e a ação.

Carlos Gomes: Nós temos que convidar o Dr. Ivis Bezerra para prestar um depoimento também, viu...

Almir Bueno: É, com certeza.

Carlos Gomes: Vamos agendar.

José Arruda Fialho: Ivis foi presidente da UEE a partir de 61...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Participou ativamente... É verdade. Mas eu em 64, quero aproveitar para sair na história todinha. A minha história é peculiar porque fui presidente da UEE em 1961... 61 eu estava no quarto ano de medicina. [Inaudível] E medicina vocês sabem que medicina é um trabalho insano... Plantão permanente e tal. Quando eu terminei meu mandato na UEE fiquei participando com ele, mas resolvi ser médico, né? Tempo integral, dedicação exclusiva. Praticamente morava na maternidade... Tinha casa aqui, mas morava na maternidade. E ao terminar meu curso em 1963, no dia 7 de janeiro, eu fui com outro companheiro, colega de turma, para Caicó, o precedi... Trabalhar na fundação Cesp, que era uma organização de saúde que tinha um convênio com o governo americano. Mas não tinha influência do governo americano. O convênio era só de dinheiro. E que exigia dedicação exclusiva e tal. E o golpe me pegou lá, no dia 31... Eu só vim saber... Como a gente ficava muito absorvido lá, eu só vim saber três dias depois, lá em Caicó, trabalhando e tal... E passei dois anos. Depois fui para Açu, passei dois anos. Voltei por aqui, na realidade, viu Carlos? A única coisa que me... Agora estou aproveitando para dar minhas informações... Que eu fui convocado... O major... Como é? Um famoso que tinha aqui publicou um edital no Diário de Natal convocando nominalmente uma série de pessoas que tinham sido secretários da UNE. Quer dizer, diretores da UNE... Sempre tinha um

norte-rio-grandense que era secretário e presidente da UEE (União Estadual) e eu estava na lista. Nessa lista tinha Marcílio Furtado que foi secretário da UNE, mas que era conservador. Ele foi secretário da UNE numa composição que entraram os conservadores. E meu pai mandou esse edital convocando a vir aqui ao 16 R.I. Era o chamado inquérito da UNE. Aí em cada Estado...

José Arruda Fialho: Era major Eider?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não... Era Lacerda.

José Arruda Fialho: Ah, capitão Lacerda.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Aí eu li o edital, vi o nome de Marcílio, que já era vereador, genro de Luiz de Barros, era da UDN... Aí eu liguei para o meu pai e disse: “eu não vou aí não”. Se Marcílio tá sendo chamado, não vai dar em nada. Se quiserem mande me buscar aqui. Nunca me convocaram. Na realidade, eu nunca vim para esse inquérito. Eu acho que esse inquérito...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Essa convocação foi em 1965.

Carlos Gomes: Fim do governo de Aluísio e começo do governo do monsenhor.

Conceição Fraga: Professor Ivis, considerando que o senhor compõe a comissão, se não for dar de fato o depoimento, como sugeriu o presidente, eu sugeriria, para que a gente não perca uma memória tão perfeita como a do senhor, que o providenciasse para apresentar aqui em forma de texto. Tanto o senhor como a professora Justina. Seria uma forma de incorporar aos anais definitivos.

Almir Bueno: Já estava sendo previsto.

Carlos Gomes: Eu tinha pedido já até para vocês elaborarem um texto, mas acho que o depoimento é importante, porque senão você vai ficar muito preso a parte... Olhe, quem tiver alguma pergunta a fazer, tudo bem... Gostaria que o nosso estimado Arruda Fialho fizesse considerações gerais que entenda como cabíveis, necessárias e interessantes.

Conceição Fraga: [Inaudível].

José Arruda Fialho: Olhe, no meu caso pessoal, nenhuma... De toda forma, de imediato, todos nós ficamos sendo olhados assim com aquela desconfiança, aquela insegurança por parte de muitas pessoas, de muitas, não de todas, evidentemente. “Esse cara? Esse cara é perigoso, o que é que há...” Isso a gente sentia... Mas o que é que tem? Você tem que ir se impondo e tocar o barco. No meu caso e de outros, por exemplo, era o caso de Geniberto, que era irmão dele... Meu amigo e irmão. Começamos juntos no exame de admissão, fizemos o ginásio juntos, curso científico juntos, estudamos juntos para fazer o vestibular, passamos no vestibular juntos, fizemos o curso médico juntos, fomos presos juntos... Quando terminamos o curso juntos fomos fazer residência juntos, morando no mesmo quarto, no mesmo hospital... Nós temos uma vida...

Carlos Gomes: No mínimo são compadres...

José Arruda Fialho: Nós somos mais do que irmãos, né? Então nós saímos e fomos para o Rio fazer residência e coisa e tal. Já nos distanciamos lá... A nossa realidade já era outra. Apesar de a repressão ser muito grande naquela época, principalmente. Foi chegando 1968. Foi uma época mais dura ainda. Mas a gente pôde, inclusive, colaborar muito com as vítimas. Nós estávamos num hospital que, na época, era o melhor hospital do país. E pudemos dar assistência a muitas pessoas, que estavam necessitando de um cuidado. Estavam às vezes perseguidas e precisando... Nós pudemos fazer isso por muitos companheiros... Pudemos fazer. Fomos tocando a nossa vida... Depois que eu voltei Geniberto foi para Brasília e outros companheiros foram também para Brasília. Eu iria pra lá também, estava tudo acertado. Mas de última hora eu desisti e voltei. Resolvi voltar e fui pra Caicó. Fiquei seis anos em Caicó e vindo aqui, uma, duas, três vezes por mês e tal... Eu vivi aqui desde os dez anos de idade, então na cidade eu

conhecia todo mundo. Todo mundo me conhecia. Eu fui me readaptando a vida normalmente. A partir de 76 foi que eu voltei pra cá. Dei-me bem. Fui aceito plenamente pela sociedade sem nenhuma restrição.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Presidente, você me permite?

Carlos Gomes: Pois não.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Eu estou falando muito hoje. Acho que é a presença de Arruda. É que você teve a preocupação de perguntar uma coisa e Carlos sabe muito bem, nós somos mais ou menos da mesma idade, não é Carlos?

Carlos Gomes: Eu sou o mais velho.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Não... É a mesma coisa. O que aconteceu é o seguinte: deixa Arruda ouvir porque eu quero saber se ele tem essa opinião. O que aconteceu foi o seguinte: no período da ditadura que endureceu a partir de 1968 e teve um longo período. O que havia não era uma rejeição às pessoas, que eram conhecidas. Todos conviviam com todos, eram amigos, parentes, afilhados, compadres e tal. Era o medo da repressão. O medo da repressão. No momento em que houve a abertura e que houve liberdade, as pessoas tiveram segurança. Acabou-se. Não existiu, nunca houve. Pimenta nos olhos dos outros é refresco, evidentemente. Mas eu nunca senti isso dos meus contemporâneos e companheiros de luta estudantil, nem na minha profissão – medicina. Nunca senti nenhuma rejeição pelo fato de eles terem sido presos, processados, perseguidos. O que havia de uma parte... E a gente tem que compreender. Porque a repressão foi muito grande, muito grande. E a gente tem até que dizer que numa cidade pequena como Natal tendia a ser menor... Ele estava falando aqui da prisão e eu estava pensando numa coisa que ele sabe que é verdade. As pessoas que eram mais conhecidas estavam... Conseguiram umas condições um pouquinho melhores, mas conseguiram. Os sindicalistas estavam em outro local. Estou certo? Havia essa coisa da cidade pequena, que ainda hoje existe no serviço público, do

compadrio e que isso ajudou. Terminou ajudando um pouco no processo. Mas, sobretudo, havia o medo. Havia o medo porque ninguém sabia o que ia dar. Até porque, como houve o golpe no golpe em 68, a impressão que se tinha é até que podia piorar mais. Não dava para piorar mais do que estava. Até que poderia piorar mais.

Almir Bueno: E depois do... Aproveitando que eu já estou... A experiência que eu tive no movimento estudantil. Eu entrei em 1977, no período próximo da anistia, essa coisa toda. Mas eu militava em São Paulo. Mas, nesse período aí pós-77, digamos 79, houve mais... A atuação foi mais facilitada. Aqui, apesar de existir ainda, o regime, claro... Mas o nível de atuação podia ser considerado mais livre, digamos assim?

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Porque aí é a natureza humana. Começou a vir o contrário, todo mundo queria se livrar da pecha de repressor. E se aproximar duma abertura, duma redemocratização. Aí é natural. A gente não tem que condenar porque o medo é... Nós temos na história o nazismo... E a gente sabe as barbaridades que houve.

Almir Bueno: Eu digo isso doutor, porque a experiência que eu tive na Universidade... Boa parte dos estudantes já era de esquerda. Departamento de História... Os minoritários, aqueles que sofriam era o pessoal da Mackenzie, o pessoal de direita. A esquerda, vamos dizer assim, no final dos anos 1970, já era majoritária e tinha essa hegemonia, digamos assim, no movimento estudantil.

Carlos Gomes: Eu acho assim que houve, depois de certo tempo, maior facilidade de ação porque os atos praticados de força pelos militares, agredindo determinadas pessoas aqui no Estado, causavam na sociedade um... Doutor Vulpiano Cavalcanti era um homem muito estimado, muito querido. Ainda quem fosse anticomunista futebol clube, não aceitava aquele tipo de coisa contra um homem que era conhecido porque dava remédio e tal... E outras pessoas. Moacir de Gois era um homem, filho de um líder católico...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Luiz Maranhão...

Carlos Gomes: Luiz foi meu paraninfo... Era um homem extraordinário. Era um homem que era pacifista, contra o movimento armado...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: [Inaudível].

José Arruda Fialho: Luiz foi uma das pessoas mais dignas que eu conheci.

Carlos Gomes: É verdade. Era uma pessoa adorável. Muito diferente de Djalma que também era uma pessoa simpática. Mas pelos conhecimentos e a forma de lidar, ninguém dizia que eram irmãos, mas eram realmente pessoas extraordinárias. Vocês que não são da Comissão da Verdade, devem estar sentindo como é importante um depoimento desses: correto, concreto. Ele revelou aqui certo fato. Normalmente a gente só houve falar mal de Onofre. Ele deu um depoimento interessantíssimo, corretíssimo.

José Arruda Fialho: Foi verdade.

Carlos Gomes: Eu acho bonito. É como uma vez eu fiz um lá na OAB quando eu era presidente. Eu fiz uma reunião com todos os processados e Pretestato José da Cruz deu um depoimento que eu fiquei sem entender e que tinha sido sustentado por Dinarte Mariz. Hélio Xavier foi outro...

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Deixe-me dar aqui um depoimento sobre o professor Onofre. Eu voltei pra Natal e fui trabalhar com o professor Leide na Maternidade Escola. Ele já tinha me convidado antes de eu ir pro interior, porque era de graça na Universidade nessa época. Depois eu entrei como professor. Fui contratado. Passou-se um tempo e o ministro da educação, Jarbas Passarinho, veio a Natal para inaugurar o Hospital de Pediatria, que é atrás da maternidade, ali na Cordeiro de Farias. E nós formamos uma fila, professor de ginecologia obstetrícia e os de pediatria e o professor Onofre vinha com o ministro Jarbas Passarinho. E nós estávamos em fila. Ele

andava assim de cabeça baixa. Quando me viu parou, aí olhou para o ministro Jarbas Passarinho e disse – “este aqui era um comunista. Mas agora...” e pegando no meu botão aqui. – “Mas agora está regenerado!” Ele achava que isso era o máximo. Aí passou. Eu cheguei e disse: “Eu sou o único absolvido aqui”. Vocês ainda estão em dúvida. Mas eu... Disseram que eu estava regenerado. Típico de Onofre.

José Arruda Fialho: Ele teve muita deferência pessoal comigo, Onofre. Doutor Onofre, ele, no final de 63, ele me mandou para os Estados Unidos, eu passei três meses lá. No convênio da Universidade com uma universidade americana, visitando todas as universidades americanas. Passei três meses lá. Quando eu voltei, estourou. Eu cheguei ao finalzinho de fevereiro, quando foi em março... Teve um interrogatório aí no 16 R.I. Eram oito oficiais num quartinho, um cubículo assim e eu no meio e eles... “Dia tal, assim e assim, onde é que você estava?” Aí eu: “Eu estava em Washington, nos Estados Unidos”. Aí o cara olhou assim e tal... “Em Washington?” – perfeitamente. Aí um cara olhou e disse “confere, confere aqui”. Aí disse: “Esse é do tipo que toma sopa e cospe no prato”.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: Você escapou de ele dizer que você estava espionando.

Carlos Gomes: Mas Arruda, você não chegou a sofrer nenhuma violência não, né?

José Arruda Fialho: Sofri. Todos sofreram.

Carlos Gomes: Física?

José Arruda Fialho: Física e psicológica. A psicológica era permanente. A física era mais esporádica, mas existiu, de toda forma, com todos.

Darlan Cunha: Carlos, a gente pode aprimorar essa sugestão da professora Ceíça e solicitar a todos os depoentes que complementassem o depoimento oral com um texto,

não é? Memórias de chumbo do período, que poderia complementar, né? Nesse espaço aqui, como é curto, nem sempre é possível colocar aqui pra gente tudo que se viveu, né? No momento você esquece um detalhe ou outro, que talvez se julgue importante...

Carlos Gomes: Se isso for possível nós receberíamos... Até é uma coisa que vai facilitar e muito o nosso trabalho, né? Vamos providenciar a relação para a gente, inclusive, trazer pra cá.

Darlan Cunha: Aí segue essa sugestão para os próximos depoentes e para os depoentes passados mandamos um ofício sugerindo que, se por acaso interessar, escrever algum depoimento, memórias...

Carlos Gomes: Professor, o senhor tem a palavra para suas considerações da forma que bem entender, livremente.

José Arruda Fialho: Eu quero agradecer a oportunidade de ter sido convidado aqui a prestar esses esclarecimentos, que vão servir, talvez, de subsídios para que se faça alguma coisa da História. Esse período da ditadura no Brasil foi um período realmente obscuro. Distante dos anseios de qualquer população. E a nossa geração foi sacrificada grandemente porque foram castradas as lideranças que podiam se formar nesse país para desenvolvê-lo de uma forma diferente. As lutas do movimento estudantil e sindical, também naquela época, eram lutas democráticas, que queriam conquistas para o povo brasileiro, queriam mudar a estrutura social e dar outra formação ao país. Mas de uma forma democrática e de uma forma livre, onde o trabalho fosse a valorização de tudo. Porém, os interesses econômicos superiores e até internacionais sobrepujaram aos anseios da população, que, coitada, não sabia nem de uma coisa nem de outra, e que continua sendo massa de manobra e somente sendo utilizada por aqueles que utilizam o poder pra essas coisas. A liberdade é uma coisa relativa ainda hoje, no nosso país.

Carlos Gomes: Eu quero agradecer a sua participação, muito valorosa e gostaria de informar aos bolsistas que segunda-feira eu virei aqui pela manhã porque deste

depoimento eu já tenho umas providências a tomar, dos dois de hoje... Hoje já é sexta-feira e não dá tempo de fazer isso. Segunda-feira eu estarei aqui às 09h30minh e irei para a nossa sala para trocarmos ideias e tomarmos algumas providências. Quem tiver aula não tem problema porque eu vou ficar até mais tarde. Aí é tempo, quando terminar a aula vai pra lá.

[Inaudível].

Carlos Gomes: Antes de 12 horas eu não saio daqui. Então eu virei porque fica difícil a gente tomar providências hoje. Eu prefiro ir a casa e botar a limpo, faço a ata, venho e vejo as providências, inclusive a convocação dos próximos.

Carlos Gomes: Passa para as 14h30min, vamos começar meia hora antes, está certo? Na segunda não precisa vocês virem, não...

[Inaudível].

Carlos Gomes: Geniberto? Tranquilo! A gente faz até uma extraordinária, se não coincidir. Eu vou passar um e-mail pra ele... Eu sempre troco...

[Inaudível].

Carlos Gomes: Para o próximo? Não. Foi, foi... Segunda-feira eu venho justamente para a gente procurar os endereços, exatamente. Se houver alguma dificuldade. Se por acaso não puderem vir, a gente aproveita Ivis e ouvimos um pouquinho.

Ivis Alberto Lourenço Bezerra de Andrade: [Inaudível].

Carlos Gomes: Mas é bom... Você já deve ter na cabeça, organizado... Bom, eu quero agradecer a presença de José Arruda Fialho... Diga, minha filha?

Carlos Gomes: Sim... Já é falecido. Segunda-feira nós conversamos porque tem muitos nomes. A gente precisa colocar como prioridade porque pode, por acaso, não dar tempo ouvir todo mundo dentro daquele prazo. Pelo menos a gente pega aqueles... Roberto eu sei que tem muita coisa... Pode, é aqui. Parece que é aqui que tem uma sala... É por isso que eu vou solicitar a relação de todos os programas Memória Viva pra gente selecionar. Eu não conheço todo mundo, mas conheço muita gente. E sei de depoimentos que são importantes. Aí eu passo e cada um de vocês dá uma sugestão. Eu mesmo assisti a muitos deles. Eu posso até ir lá... Eu vou pedir. Agora só uma informação para quem não estava aqui logo no começo. A professora Justina ficou de me enviar um documento informando a situação dela. Ela hoje é secretária municipal e, pela lei, ela possivelmente não pode continuar. Eu vou pedir a reitora que mande vir do setor jurídico. Porque mesmo que não possa compor, outro será colocado e ela será sempre bem vinda aqui, porque ela sabe muita coisa, é muito interessante. Então eu quero agradecer a presença de vocês e convocar uma reunião informal para segunda-feira e uma formal para sexta-feira, meia hora antes. Obrigado.